

4511

4
La 4167

RICARDO CRUZ

O EXILADO

EPÍLOGO

de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

PROLOGO

de Campos Monteiro

LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA — DEPOSITARIA
EDUARDO TAVARES MARTINS, SUC., L.^{DA}
12, RUA DOS CLERIGOS, 14
PORTO

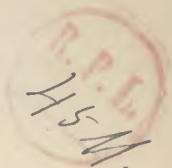
Lo 4
H167

O EXILADO

151.
2062
30
36 19
26?

RICARDO CRUZ

A.F. 23752



O EXILADO

EPÍLOGO

da Ex.^{ma} Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

PROLOGO

do Ex.^{mo} Sr. Dr. Campos Monteiro

PORTO

1925



... Exilado! Exilado! Alma ardente e sublime
Onde o amor concentrou a dor que não se exprime ...

À guisa de conversa

AS PERTURBAÇÕES políticas, em que o nosso país tem sido fértil de há quatorze anos para cá, se deram de si muitas coisas más, produziram também algo de bom. Por exemplo:

Foi a mocidade quem deu o maior contingente para as hostes realistas. À medida que iam falindo as diversas tentativas para restaurar o regimen caído em 5 de Outubro, uma grande porção de rapazes se via obrigada a procurar no exílio a segurança contra as gravosas sanções penais que sôbre o seu crime político impendiam. Assim se espalharam pela Espanha, pela França, pela Alemanha, pela Inglaterra, e depois pelo Brasil, alguns milhares de mancebos, muitos deles inteligentes e amigos da literatura.

Estava-se fazendo lá fora uma grande renovação

— para não dizermos renascença — artística, filosófica, política e social. Dotados de um espírito eminentemente especulativo e de grandes faculdades de assimilação, êsses rapazes abriram os olhos e os ouvidos, apreendendo teorias novas, fórmulas novas, especiais modalidades de juízo crítico, novas maneiras de encarar a vida individual e a vida dos povos. E uma vez senhores de tôda esta riquíssima bagagem esperaram, com a primeira amnistia, o ensejo de a introduzirem em Portugal, sem que a Aduana repontasse.

A Aduana não repontou, por desconhecer a natureza dos artigos importados. Os cérebros dos pensadores portugueses vestiam ainda pelo figurino de 89, e não puderam, no primeiro momento, aperceber-se do perigo que para êles representava o novo trage, puro

século xx, que era moda no estrangeiro. E só quando viram desfraldado o lábaro, não da Ideia Nova — que por sinal era já velhíssima — mas da Ideia tradicionalista, entre apupos ao «estúpido século xix» e vivas ao Nacionalismo Integral, é que deram pelo logro e pela catástrofe imminente.

Assim entrou em Portugal essa forte corrente espiritualista e tradicionalista que trazia no bojo os gérmens de uma revolução pacífica a que já não é possível opôr-se um dique eficaz, embora haja ainda criaturas que, impulsionadas pela rotina ou pela inércia cerebral, continuam refesteladas à sombra da árvore do Liberalismo, saboreando com delícia os autores que lá fora fizeram época há setenta anos, e passaram de vez há trinta.

E é preciso contar com êles, com êsses rapazes de boa vontade, alma honesta, cérebro desempoeirado e inteligência viva. São poucos em relação à grande massa? Talvez. Mas valem mais que todos nós, — nós, os que vimos do século de treva chamado (por uma antonomasia que é uma antonimia) século das luzes, com o espírito intoxicado por quantos venenos literários se fabricaram em França, desde a Enciclopédia.

*

Também nas manifestações artísticas foi clara a influência desse grupo de intelectuais. Alguns deles trouxeram consigo livros escritos no exílio, sob a

influência das ideias lá adquiridas, do modo de pensar resultante do contacto com os intellectuais estrangeiros, do especial modo de sentir provocado a dentro da sua alma pelo afastamento da pátria. Sobresae entre todos estes António Sardinha, um dos nossos grandes escritores contemporâneos. E alguns outros conhecemos que no destêrro souberam aperfeiçoar o seu estro, a sua técnica, o seu poder emocional.

Mais interessante do que a «literatura da guerra» —quási tôda banal, postiça, convencionalíssima— acho eu esta «literatura do exílio», tão cheia de simplicidade, de sinceridade e de emoção. Ainda há poucos meses Carlos Lobo de Oliveira nos deu aquele formoso «Roteiro das Saudades», — uma espécie de «Só», talvez mais desvalioso, mas muito menos

poseur. E aqui temos, agora, êste pequeno poema do Snr. Ricardo Cruz, o «Exilado».

Tema? A saudade. Sempre a saudade!... como em Bernardim, como em Camões, como n'aquel'-outros desterrados de 1828, que para Portugal trouxeram o Romantismo. Os neo-românticos de hoje não podiam, longe do país natal, fugir ao predomínio dêsse sentimento, o mais fundo da alma portuguesa, com raízes na mais remota ancestralidade.

Assim o compreendeu, numa síntese perfeita, o Snr. Ricardo Cruz:

Onde lusos houver, sempre haverá saudades...

Saudades que doem já antes de começarem...
saudades que dilaceram o coração, que fragmentam

a alma, quando ainda os pés não abandonaram o solo da pátria :

Parti minh'alma, ao partir
A terras desconhecidas...

...mas que mais intensamente pungem, e rasgam o peito como garras de pantera, lá ao longe, a muitas centenas de léguas do rincão onde nascemos, e onde é desejo nosso venhamos a fechar os olhos, ainda uma vez deslumbrados pelo azul do céu português.

É então que a nossa alma se enubla, e que os queixumes da nossa nostalgia se casam «aos gemidos do vento e aos ais do mar».

Senti no peito meu gemer minha tristeza...

Tal como Garrett:

Ouvi gemer a lamentosa alcione,
E com ela gemeu minha saudade...

E é então que, seguindo o preceito de Goethe, o poeta pega na sua dôr e a transforma num poema...

*

Êste poemazinho, «Exilado», é um livro belo. Perfeito? Não. Nem o autor, que é moço, e com muito tempo diante de si para estudar e se aprimorar, tem essa pretensão. Ê belo porque é *sentido*, porque foi *vivido*, porque a técnica não foge às leis que devem

regê-la, porque tem imagens formosas, porque desperta na alma de quem o lê sentimentos honestos e emoções puras.

O seu autor sentiu muito precocemente, por experiência própria, o que seja o exílio e as saudades da pátria. Tinha quatorze anos quando os sucessos políticos o atiraram para França. Lá teve conhecimento das tentativas revolucionárias que por cá se tramavam, sempre mal sucedidas. E lá lhe iam ter, em levadas de desgraça, aqueles que, tendo conspirado ou combatido a céu aberto, se evadiam à Penitenciária pela porta do desterro. Viu chorar muitas lágrimas; e, como êle próprio as estava chorando, segregadas no mesmo recanto íntimo do coração, ergueu-se-lhe no espírito, desenhada a traços inapagáveis, a figura sim-

bólica de um exilado, que era a síntese de todos os exilados por êle conhecidos. Alguém que, tendo transitado por Espanha e França, se embarcou um dia para o Brasil, na rebusca do pão quotidiano, e de lá lhe escrevia cartas candentes, cheias de uma satedade exasperada, lhe forneceu o tipo que êle focou para protagonista do seu poema.

Eis a etiologia dêste livro, que tem, assim considerado, o defeito — ou talvez a qualidade — de não manifestar a mínima influênciã do meio social e físico em que o poeta se colocou para o traçar. Dir-se-ia que os seus olhos se não haviam desfitado ainda de Portugal. O que êle vê não é o céu, nem o mar, nem a terra, nem a vegetação do Brasil. O que êle vê, com os olhos da alma sempre abertos e os do rosto fecha-

dos a tudo que não seja a visão de coisas e pessoas queridas, é a paisagem portuguesa, a gente portuguesa.

..... Cheirava a rosmaninho
E a agreste madresilva. Ao longe, dos trigais,
Chegava-me um rumor de vozes joviais
No ténue ciciar de límpidas cantigas:
Cantavam, a segar, as frescas raparigas.
Na orla, mais além, dum bosque de pinheiros,
Em côro respondia um rancho do ceifeiros...

A paisagem portuguesa, a paisagem do dia da partida, impressa ainda na sua retina... E no céu, que o Poeta vê, não refulge o Cruzeiro do Sul. Todo êle, no cobalto cantante da sua abóbada, nos flocos brancos que o matizam, é o céu peninsular. E o próprio mar — aliás tão lindo — que beija a praia ameri-

cana, nada lhe diz senão que as suas vagas, enoveladas nas correntes oceânicas, podem um dia vir dilatar-se na costa portuguesa :

Ó águas verdes, cambraias
Que Deus tingiu d'Ideal!
Tomai saudades, levai-as
Às praias de Portugal!...

*

Exilado é bem o livro de alguém que nasceu poeta e português, e há de morrer português e poeta. Deus lhe dê longa vida, para amar a sua pátria com a mesma intensidade, para escrever outros livros com o

mesmo sentimento e o mesmo carinho. E não me diga o sr. Ricardo Cruz que, por haver regressado ao seu país lhe falecem os motivos emocionais. Ao contrário, é cá dentro, vendo as desgraças da pátria, que a nossa alma vibra de mais intensa dôr! Uma dôr diferente, é certo; no exílio, a dôr azul de quem está longe de sua mãe; cá dentro, a dôr vermelha de a vermos morrer apunhalada.

CAMPOS MONTEIRO.



PRELUDIO

Foi para ti sómente, oh! Portugal amado,
Que a minha harpa entoou êste hymno maguado
Onde perpassa a voz do meu amor ardente!
Para ti, meu País, foi para ti sómente
Que eu quis fazer vibrar esta alma que me deste
Num canto bem sentido, e já que em mim puseste
Um germen d'Ideal e um Sonho de grandeza,
Permite, que ao cantar esta alma portuguesa
Onde a saudade vive em flôr de nostalgia,
Eu junte a minha voz à extranha melodia
Das vozes do passado, e possa, ao ser ouvida
Dos Lusos d'alêm-mar, levar-lhes comovida,
Nesta canção de amor, a benção de ternura
Que alenta o coração e anima a desventura ...

.....

Foi para vós também, irmãos meus portugueses,
Que venceis, a cantar, os maiores revezes
Da fortuna cruel!... Para vós, que sofreis
Longe da Pátria amada e que nunca esqueceis
Vossa terra-natal... Para vós, que a desdita
Tanta vez bafejou e que fez, infinita,
Nascer uma saudade em cada coração,
Um pranto em cada olhar, na bôca uma oração
E n'alma sonhadora um Portugal d'encanto,
Oh! Lusos d'além-mar, para vós também canto!...

.....

Senti no peito meu gemer minha tristeza...
Peguei na lira, então, e um canto d'incerteza
Pela primeira vez aos ventos desferi!
Contei-te, ó meu País, contei-te o que sofri,
Quando longe de ti tão perto te sentia!...
Sofreu meu coração a dôr da nostalgia,
E ao vêr-me assim tão só na vida que arrastava,
Só então compreendi quanto e quanto te amava!...
Cantei p'ra não chorar, chorei p'ra não morrer!
Quando ama, o português precisa de sofrer.
Só admite a perfeição no seu excelso amor,
Quando em lágrimas nasce e triunfa na dôr!
Ninguém jámais cantou amor que o Luso canta...
Traduz na sua voz a mágua que o quebranta
Esmagando-lhe o peito, e louco, sonhador,
Em guerreiro combate e vence em trovador!...

Se a ideia do passado a alma lhe tortura,
Solta um grito supremo, um grito de amargura,
E êsse apêlo de angústia aos espaços lançado,
Só pára nos confins do seu País amado;
Palpita ao expirar, vibrando intensamente,
E então tu, Portugal, guardando o beijo ardente
Que de longe te envia o ente estremecido,
Sentes uma vez mais que não 'stás esquecido
E que o teu portugûês, teu filho idolatrado,
Só te ama a valer, quando vive exilado!...

O Canto da Partida

Sentei-me, solitário, à beira do caminho
E puz-me a meditar . . . Cheirava a rosmaninho
E a agreste madresilva . . . Ao longe, dos trigais,
Chegava-me um rumor de vozes joviais
No ténue ciciar de límpidas cantigas:
Cantavam, a segar, as frescas raparigas.
Na orla, mais além, dum bosque de pinheiros,
Em côro respondia um rancho de ceifeiros
E o éco, ao repetir de quebrada em quebrada
Essa humilde canção, trazia maguada,
A triste saudação do meu País amigo: —
— «Filho que vais partir, que Deus seja contigo! . . .» —

Entre flores e luz, ao sol do meio dia,
Branquinha e muito só, distante, refulgia

A casa de meus pais, o berço onde eu nasci...
Como era perfumado o ninho em que vivi!...
Cercavam-no em redor as velhas oliveiras...
Com seu aroma são, rosais e laranjeiras
Perfumavam o ar de bálsamos estranhos...
À lardinha, ao sol-pôr, voltavam os rebanhos,
E nessa imensa paz da luz que vai findando,
Campánulas, que ao longe, ouvia tilintando,
Em súplica sentida iam subindo aos céus: —
—«Oh! tu, que vais partir, sê bem feliz... Adeus!...»—

Levo saudades, levo, em minh'alma arreigadas,
Do teu carinho, oh! Mãe! Das lágrimas choradas
Chegado ao peito teu, em horas de amargura!
Do teu imenso amor, da profunda ternura
Com que acolhias sempre o filho estremecido!
Do teu sereno olhar, do teu rosto querido
Sorrindo docemente, ao sentir, bem de leve,
Minha bôca a beijar teus cabelos de neve!
Do som da tua voz, de tudo o que dizias,
De tudo, tudo enfim, de tudo o que sofrias
Para dar agasalho à florinha das ruas...
Levo saudades, Mãe, muitas saudades tuas!...

Também levo de ti uma pena infinita,
Ó terra sacrosanta, em que meu Pai dormita!
Nunca me hei-de esquecer que guardas no teu seio,
Aquele que sonhou, num louco devaneio,

Engrandecer-te a ti, fazendo-me a mim grande !
Hei-de sempre sentir o calor que se expande,
Em ondas d'explendor, do seio teu fecundo,
Doce terra natal, e atravez dêste mundo,
Se algum dia eu fôr o vencido da sorte,
Quando a hora chegar, no momento da morte,
Meu coração, de novo, em ti irá repousar,
Cançado de viver, mas nunca de te amar !...

.....

Casinha branca e linda, oh! ninho onde nasci !...
Pensa sempre minh'alma em tudo o que é de ti...
Na horta, no jardim, na eira, no pomar,
No telhado caiado alvejando ao luar,
No teu velho portal, nas verdes janelinhas,
Onde em manhãs d'Abril pousavam andorinhas,
Nos canteiros em flôr, no pombal, onde em bando,
Pombas de côr da neve entravam arrulhando...
Levo-te aqui no peito, oh! meu lar perfumado,
E se um dia voltar velhinho e já cansado,
Ao sentires morrer aquele que esperaste,
Velarás num caixão quem num berço embalaste !...

.....

Porque será, Deus meu, que o partir custa tanto?
Tôda a lágrima tem o seu secreto encanto...
Se a vejo deslizar duns olhos de mulher
Pelo amor arrancada ao seu íntimo ser,

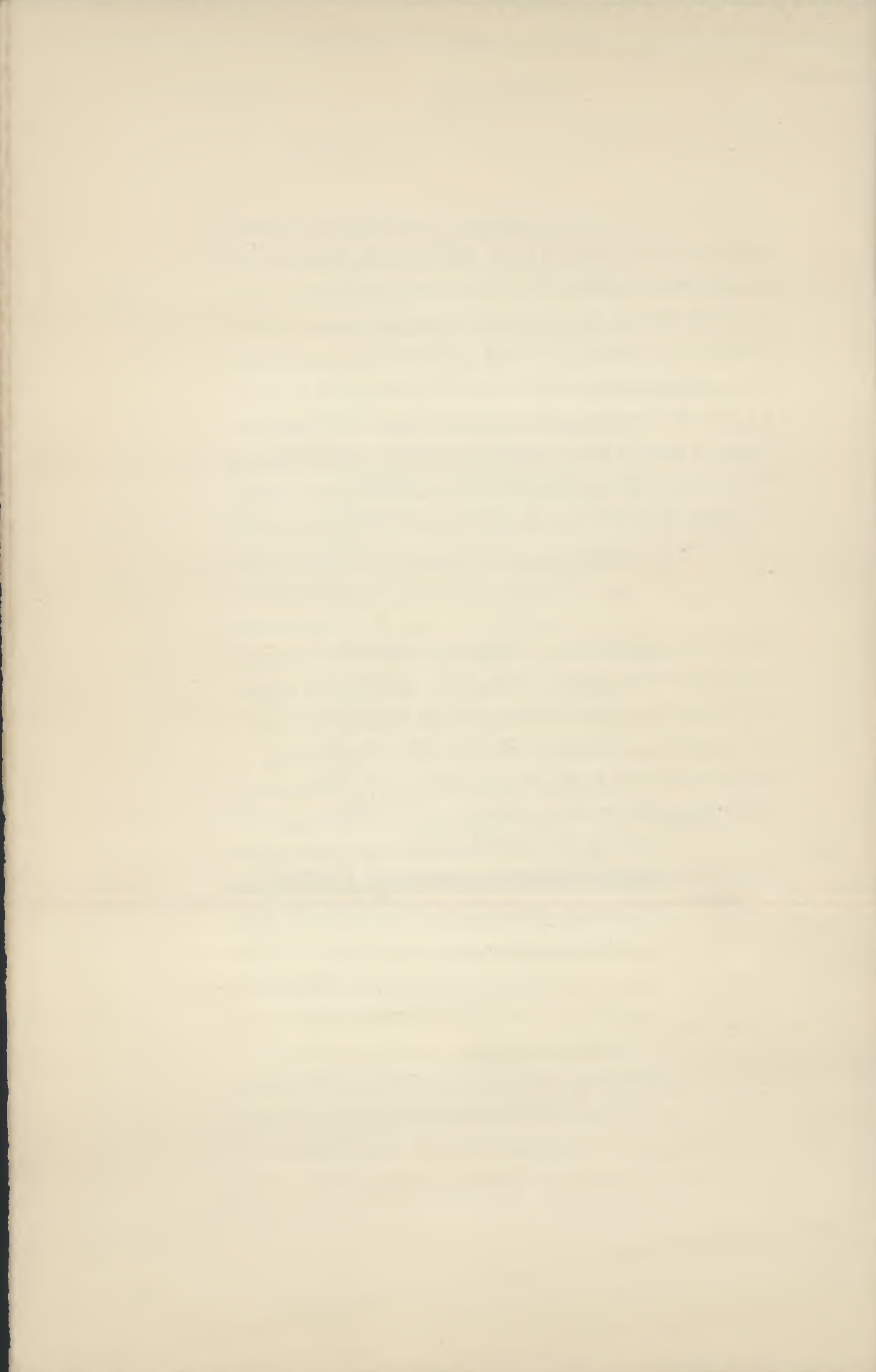
Sôbre a face formosa, essa lágrima ardente
Parece um meteóro, uma estrêla candente,
Por estrêlas chorada em noites de verão!
Se eu a sinto brotar do triste coração
Duma angustiada Mãe, o filho seu chorando,
Ao vê-la sôbre a face, onde a dôr vai sulcando
Um sulco de cristal, parece que palpita!
E lágrima sublime, imortal, infinita,
Como uma jóia d'oiro encastoada em luz,
Lembra as que a Virgem-Mãe chorou por seu Jesus!...
Se em olhos de criança as vejo borbulhar,
Lembram nêsgas de sol e résteas de luar,
Lembram vida e amor, catadupas e fontes,
Orvalho a refulgir nas florinhas dos montes,
Tênues scintilações das estrêlas dos céus,
Sonho de Serafins em lágrimas de Deus!...
Se um velhinho é que as chora, em silêncio rolando,
Uma a uma ao cair o passado animando,
O bom velho, a tremer, lembrando outras idades
Desfia em oração um terço de saudades!...
Mas nenhuma é tão bela e triste e comovida,
Nenhuma é como tu, lágrima da partida!
No teu trémulo seio encerras todo o amor,
Condensas numa gota o mar d'intensa dôr
Que n'alma humana ruge; elevas, divinizas
O ente que te chora, e quando cristalizas
Nuns olhos d'exilado o seu sentir profundo,
Caberia em teu colo êsse infinito mundo!...
Teu rútilo fulgor, em face macerada
Deixa sulcos de luz, e ao cair desgarrada,

Na bôca que te bebe enquanto os lábios oram,
Lembrando ao desterrado os tempos que já foram,
Num louco turbilhão, p'ra nunca mais voltar,
Na noite da sua alma acendes o luar!...
Como frágil criança, embalas docemente
Essa nobre cabeça, onde um sonho fremente
Na dôr te concebeu, e ao escaldar-lhe os olhos,
Como a rosa, a exalar perfume entre os abrolhos,
Embalsamas-lhe o peito abrindo o coração...
És canto, és harmonia, és sonho, és oração!...

.....

Corre, lágrima, corre... Escuta... devagar...
Nessa terra estrangeira onde caís a brilhar,
Em breve hás de brotar em flôr de nostalgia
E se alguém, ao passar por essa terra um dia,
Perguntar quem te fez tão cheirosa e tão bela,
Responde sem tremer, responde, flôr singela,
Que tu nasceste ali da lágrima ideal,
Que um português chorou pensando em Portugal!...

.....



Balada do Mar

Que amargas são e que fundas
As águas verdes do mar!
Na paz das noites profundas
Ouvi-as, tristes, chorar . . .

Lembrando terras distantes
Chorei com elas também,
E ao vê-las verdes, brilhantes,
Eu, pobre, sem ter ninguém,
Ao Génio oculto das águas
Abrindo meu coração,
Contei minhas grandes máguas
Nos versos duma canção.

Que fundas são e que lindas
As verdes águas do mar!
Conteem máguas infindas
De humildes almas sem lar!...

Pensando na Pátria amada
Senti-me só, sem piedade...
E a dôr floriu, condensada
Em lágrima de saudade...
Rolou no abismo ao caír,
E as conchinhas dos algares,
Fizeram dela, a sorrir,
A pérola dêsses mares!...

Oh! águas verdes, cambraias
Que Deus tingiu d'Ideal,
Tomai saudades, levai-as
Às praias de Portugal!...

III

Saudades

Vinde, vinde cantar, vates de Portugal,
Essa flôr do meu sonho, essa flôr-ideal,
 Flôr mística d'encanto
Que n'alma me brotou. Nas harpas inspiradas,
Entoai-me vibrante, em notas maguadas,
 Êsse sublime canto
Que entoa o português, quando pensa em seu lar!...
Vates do meu País, só vós podeis cantar
 Essa canção de amor!
Só vós podeis sentir o sofrer verdadeiro,
De quem suspira em vão nas terras do estrangeiro
 A sua imensa dôr!
Porque só vós sabeis compreender o infinito,
Só vós sabeis sonhar êsse sonho beindito,
 Sonho d'imensidade...

Porque só vós enfim, ó lusos menestreis,
Filhos de Portugal, só vós é que sabeis
O que é sentir saudade!

Vinde, vinde trazer, Virgens de Portugal,
A luz do vosso olhar às trevas sem igual
Em que vive o exilado!

Vinde, vinde adoçar essa saudade atroz
Que a alma lhe tortura, ao som da vossa voz,
Num cântico maguado.

Cantai, Virgens, cantai essa dôce canção
Que adormenta e que embala o triste coração
De quem vive sòsinho...

Trazei-lhe o vosso amor, êsse amor que brotou
No vosso casto seio e outr'ora perfumou
O seu deserto ninho!...

Dos doirados aneis da vossa cabeleira
Bordai, Virgens, bordai, bordai uma bandeira
De sonho e de ternura

E, garboso donzel, como em tempos passados,
Ao sentir relerver, nos lances arriscados,
Seu amor e bravura

No fundo do seu peito, êsse audaz cavaleiro
Ao desfraldar ao vento, em um gesto altaneiro,
Seu lábaro-ideal,

Sereno, desprezando o destino e a sorte,
Num louco galopar, há d'ir vencer a morte
Por vós e Portugal!...

Oh! Mães de Portugal, vinde chorar commigo...

Olhai vosso menino... Implora qual mendigo

A esmola dum olhar!

Um beijo só que seja, e na sua amargura

Vosso beijo será o bálsamo que cura,

Num raio de luar!...

Dai-me coragem, Mães, e fôrça de sofrer!

Se para triunfar preciso fôr morrer,

A morte pouco importa!

Na liça caírei, finda a luta renhida,

Cumprindo o meu dever. P'ra que é que serve a vida

Quando a ilusão é morta?...

Ah! se soubesseis, Mães, como tenho saudade!

Se visseis definhar sòsinho e sem piedade

Vosso pobre filhinho!...

Que havieis de dizer se visseis todo em pranto,

O tristíssimo olhar da flôr do vosso encanto?!

Se nú, esfarrapadinho,

Achasseis a uma esquina o vosso terno amor,

Pobres Mães, bem o sei, morrerieis de dôr

Sómente p'ra o vestir!

Quanta vez, a cantar, nosso sono embalando,

Uma noite sem fim passavais contemplando

Nosso inquieto dormir!

Vós que à Virgem bondosa, em cânticos singelos,

Resavais ao deitar, construindo castelos

Dos bercinhos de vime

E achando tudo pouco em vosso imenso amor,

Que dirieis ao vêr o vencido da dôr

E d'angústia que oprime,

Arrastar-se a chorar, no íngreme caminho
Qual implume avesinha em busca do seu ninho?
Oh! Mães da minha terra!
Oh! Mães de Portugal! Tenho muita saudade...
Tanta, que nem eu sei se a azul imensidade,
Onde o Senhor encerra
Estrêlas aos milhões e o sol, no céu a arder,
Seria suficiente, oh! Mães, para a conter!...
Bem longe, no estrangeiro,
Vosso filhinho sofre em vós sempre pensando;
Pensai vós também nele, ó Mães, de quando em quando!
E triste caminheiro,
Em breve, sabe Deus, rotinho, esfarrapado,
Hei de voltar de novo ao meu lar bem-amado,
Que não pude esquecer!
E Deus permitirá, e vós que sois bondosas,
Que eu me deite de novo em meu berço de rosas
Para nele morrer!...

.....

Que saudades, meu Deus! Que saudades imensas!
Como é grande o sofrer dessas horas intensas,
Que o exilado vive e que valem por anos!
Como é triste essa flôr d'illusão e d'enganos,
Que em lágrimas nasceu dum beijo da desdita!
E quando a noite cai, soberana, infinita,
Envolvendo em seu manto o mundo adormecido,
O desterrado então, contempla embevecido,

Êsse céu scintilante onde dormem estrêlas,
E vendo uma sòsinha, a mais bela entre as belas,
Julga, pobre infeliz, que essa estrêla azulada
Ê olhar, com que ao longe, o segue a sua amada.
Refulge, alta nos céus, a estrelinha a sorrir,
E ao enviar-lhe um beijo, êle julga sentir
Que aquele astro o recebe, em troca transmitindo
O que a noiva lhe deu no seu amor infindo.
Oh! triste sonhador! Oh! louco enamorado,
Que o destino deixou tão só, desapiedado!
Só Deus pode saber quanto sofres e amas...
Tão nobre e tão valente, a paga que reclamas
No momento final, cumprido o teu dever,
Ê ter na tua terra um canto p'ra morrer!...
Para a luã vencer bastou-te o coração,
Uma canção na bôca e a guitarra na mão!...
Cantavas a chorar e não sofrias tanto,
Soluçava a guitarra e teu só era o canto!...
Como a tua alma é grande, oh luso trovador!
Dois infinitos enche a Saudade e o Amor.
Só vives d'ideal, só sonhas com grandeza...
Sem dúvida é por isso, ó terra portuguesa,
Que agora, e como outr'ora em passadas idades,
Onde Lusos houver sempre haverá saudades!...

.....

IV

A Canção do Esquecimento

Na luta pela vida, inda na flôr da idade,
Gastei todo o vigor da ardente mocidade,
E duvidando sempre ante o destino incerto,
Tremi, como a palmeira ao vento do deserto . . .

Parti numa ilusão embalando quimeras,
Tinha n'alma um abril de vinte primaveras!

Qual náufrago, atirado à praia pelo mar,
A uma terra longínqua alfim eu vim parar.
Senti-me muito só, entre a gente perdido . . .
Gemi, mas foi em vão! Não se ouviu meu gemido.

E o meu sonho d'Abril, o meu sonho fremente
Converteu-se ao morrer, numa lágrima ardente.

Como sou desgraçado, eu que fui tão feliz!
Tão pobre nesta terra, eu rico em meu País...
Tinha alegria e paz, tinha amor e carinho;
Não tenho aqui ninguém, sou uma ave sem ninho!

E ao sabor do acaso errando todo o dia,
Ninguém me quis ouvir nesta imensa agonia...

Como a humilde ovelhinha, ao saltar nos valados,
Deixa flocos de lã nos picos dos silvados,
No caminho, uma a uma, as ilusões deixei.
No regresso, ao passar, em vão as procurei.

A noite compassiva escondera essas dores,
E num beijo, a manhã, converteu-as em flores!

Eram de neve e jaspe as pétalas singelas;
A Aurora as coloriu das côres das estrêlas
E a Tarde, desejando o brilho realçar,
D'oiro e fogo as listrou na luz crepuscular...

Feita de neve e jaspe e côres de magia,
A Vida é como a Flôr, não dura mais que um dia!...

A Vida é como a Flôr, a Flôr é como a Vida:
Nasce uma p'ra viver, outra p'ra ser vivida.
Caminham sempre ao par seus destinos juntando,
Se amando uma perfuma outra ama perfumando!

Foi por isso que Deus, que a vida fez de dores,
Tirou a alma à Dôr para pô-la nas flores.

— «Qual o teu ideal?— perguntei eu um dia
A uma soberba rosa. — Ouvindo essa harmonia
Que canta a viração na paz crepuscular,
Sonhas ser ave, canto, ou réstea de luar?...» —

— «Não, não, me respondeu còrando a pobre flôr,
O meu sonho é o Sol, meu ideal o Amor!...» —

— «E tu, linda violeta, em que é que estás pensando?
Levas a vida inteira, oculta perfumando...
Que quererias ser, castelã ou princeza?
Por acaso não tens ambição de grandeza?» —

E a violeta, a tremer, respondeu na ansiedade:

— «Meu lêma é a Virtude, o meu sonho a Humildade!...» —

— «Porque choras assim, tão triste, pobre lírio?
Da tua roxa côr de agonia e martírio
Tens vergonha talvez?!... Ou sonhas por acaso
Ser o raio de luz que o sol deixa no ocaso?» —

— «Não aspiro a ser luz, me respondeu a flôr;
O meu sonho é mais belo, o meu sonho é a Dôr!...» —

— «E tu, que vives só à beira dum paúl,
Qual o teu ideal, miosotis azul?
Quererias ser céu, lago ou profundo mar?
Ser uma estrêla d'alva ou raio de luar?» —

— «Bem mais do que isso sou... sou flôr d'Eternidade,
O passado, o presente e o meu nome é Saudade!...» —

.....

Quatro ideais colhi, quatro flores ceifei.
 Como se ~~se~~ uma só fôsse em meu peito as guardei...
 Eram as ilusões da minha mocidade:
 A Humildade e a Dôr, o Amor e a Saudade!...

E na minh'alma então, qual sol no firmamento,
 Brotou serenamente a flôr do esquecimento...

.....

Como é doce o cantar quando a tristeza oprime!
 Como é bom exprimir à dôr que não se exprime
 Por mil palavras vãs e que um canto traduz!
 Cantar a sua mágua, é roubar a essa luz
 Que dimana do sol, os segredos profundos
 Com que alegre o viver dêsses milhões de mundos!...
 Cantar o seu sofrer!... Mas a alma das flores
 Também confia à brisa a dôr das suas dores!
 Cantam ondas do mar quiméricos queixumes...
 Recordações, talvez, dos estranhos perfumes
 Colhidos no esplendor d'ilhas roxas d'aurora...
 Canta a procela irada em voz aterradora,
 Quando passa, a silvar, em loucos paroxismos,
 Sepultando o seu mal em vertigens de abismos.
 Canta o vento, a correr, no seu destino incerto,
 Canta nas solidões o génio do deserto,
 Cantam astros no céu, harmonias de azul...
 Orion, o Centauro e o Cruzeiro do Sul

São odes triunfais de luz e imensidade,
O Sol uma epopeia, um hymno à Eternidade,
A Lua uma balada, uma meditação,
Vênus o epitalâmio e Sírio uma oração!...
Canta a Estrêla Polar os mistérios da neve,
E os cometas, na luz tão efêmera e breve
Com que passam nos céus, escrevem palpitantes
Os fados e a ilusão dos destinos errantes!...
Que sublime concêrto o dos astros e mundos!
Que grandes devem ser os mistérios profundos
D'alma do Criador, quando arranca a harmonia
Aos planetas de noite e às florinhas de dia!
A natureza inteira é tôda uma canção:
O homem a harmonia e letra a criação.
Sem dúvida por isso, a suprema bondade,
Ao dotar o mortal duma imortalidade,
Querendo para o céu seus olhos levantar,
Deu-lhe alma p'ra sofrer e bôca p'ra cantar,
Permitindo-lhe assim que engane o sofrimento,
Cantando a sua dôr na paz do esquecimento...

.....

Balada da Saudade

Parti minh'alma, ao partir
A terras desconhecidas...
Em vão tentei reunir
Saudades que eram perdidas!

Tangendo a lira chorosa
Tentei vencer meu fadário;
Resou minh'alma saudosa
De lágrimas um rosário!...
E as flores que me escutavam,
Prestando-me o seu auxílio,
De ver-me chorar, choravam
As máguas tristes do exílio!

Parti minh'alma, ao partir
A terras desconhecidas...
Quem é que pode reunir
Saudades que andam perdidas?!...

Oh! flores puras, singelas,
Que amando amais vosso Deus,
Beijais em sonho as estrêlas
Olhando sempre p'ra os céus!...
Trazei, trazei por favor
Ao peito dum exilado,
Um raio do vosso amor
Num raio de sol doirado!...

Parti minh'alma, partindo
Em busca do Ideal...
Levai meu amor infindo,
Oh! flores, a Portugal!...

Nostalgias

Um dia que eu pensava em meu triste destino
Sentado à beira-mar, no silêncio divino
Do lento entardecer fez-se uma paz imensa.
Como a água dos céus em nuvens se condensa,
Em minh'alma senti crescer minha tristeza.
Quantas penas, meu Deus! E que crua incerteza
Se apossava de mim! Quanta melancolia
Se desprende da luz quando agoniza o dia!
Hora roxa de paz sob o céu anilado!
Hora de nostalgia, hora do exilado!...

Lembranças em tropel me acudiam à mente
E à medida que o sol descia no poente,
Um horizonte novo a meus olhos se abria!
Qual satélite, ao longe, o Rei astro seguia,

E ao mergulhar com êle em abismos profundos,
No espaço ia avistando outro céu e outros mundos.
Que azul imensidade e que céu tão bonito!
Que vertigem! Que luz! Que sublime infinito!
Espera... devagar, ó astro triunfal,
Para lá... mais além... quero ver Portugal...

Olha, repara bem... Vês aquele cantinho?
É êsse o meu País, o meu País branquinho.
Parece um pigmeu sonhador e romântico,
Escutando as canções que lhe canta o Atlântico.
Como é lindo e mimoso e risonho e florido!
Lembra um rico jardim por Flora ali esquecido
Nas areias do mar! Na eterna primavera
Das árvores em flôr, a luz que reverbera,
Brilha em scintilações de azulíneo cristal.
Nenhuma é como tu, oh! luz de Portugal!

Que tela d'explendor! Que alfombra de verdura
O Senhor desdobrou do Minho à Extremadura
Nos campos a ondular por colinas e montes!
Que nítidos, no céu, os vastos horizontes
Que morrem no sopé da longínqua montanha!
As serras, mais além, na fronteira d'Espanha...
O Suajo, o Marão, o Gerez, a Cabreira,
Desafiam o azul com a fronte altaneira,
E, cobertas de neve, espreitam vigilantes
Êsse País d'anões com almas de gigantes l...

Sulcando o litoral de fios prateados,
Correm rios sem fim. Nos leitos agitados
Refervem ondas mil em brancas cachoeiras,
E essas águas que vem de terras estrangeiras
Ao solo português, num ímpeto medonho,
Só param junto ao mar. Como se o vasto sonho
Recolhido ao nascer em montanhas distantes,
Não pudesse caber em almas de gigantes,
Partiram a correr em busca do Ideal,
E vieram por fim, morrer em Portugal!...

Em todo e qualquer lar há sempre um favorito.
O carinho das mães é imenso, infinito,
Mas às vezes, dá mais do seu materno amor,
Ao filho que lhe deu, no seio maior dôr!
Nesta terra onde vive a triste humanidade,
Marcaste Portugal, oh! Deus, na Eternidade,
Para ser o dilecto onde o poder expandes,
E se o fizeste Rei e o maior d'entre os grandes,
Foi por ver que a sua alma, onde cabe um destino,
Era grande demais p'ra um corpo pequenino!

Que grande sonho teve êsse anão lusitano!
Ultrapassando a meta em que o terror humano
Julgava ver gravado um estigma maldito,
Desdobrando o azul, rasgã o véu do infinito,
E arrancando do mar, os mistérios profundos
Da Fábula e da Lenda, ao mundo dá outros mundos,

Patenteando assim ao orbe libertado,
Quanto valor continha um peito tão minguido,
Êle que vira aos pés êsses raios que cegam,
Na vertigem d'altura a que as águias chegam l...

Que supuseste, oh! Sol, quando em águas desertas
Viste êsse grande herói partir p'rás Descobertas?
Tu que julgavas ser o senhor soberano
Dessas ilhas d'encanto, onde a voz d'Oceano
Entoava à tardinha hinos d'extranho amor,
Não tiveste ciume, ao veres no esplendor,
Chegar certa manhã as naus de Portugal?
Cantava o mar irado em bancos de coral,
E enquanto a Cruz de Cristo alvejava nas velas,
Beijaste tu, ó Sol, as lusas caravelas?

Oh! quimérica rota! Oh! épica grandeza,
Que tão alto elevaste a raça portuguesa!
Contemple o mundo inteiro o rastro luminoso
Que deixaste ao sulcar êsse Mar Tenebroso,
E possa o sol ardente, ao traçar n'amplidão
O caminho que abriste à Civilização,
Também reconhecer teus feitos e valor,
Pois que te deve a ti seu sonho d'esplendor,
Por teres demonstrado, em teu saber profundo,
Que morria na Europa ao nascer n'outro mundol...

.....

Quem me déra asas ter como a branca alcião
P'ra voar pelo azul nos braços dum tufão!...
Quem me déra asas ter! Ser águia, ser condor,
Difundir-me na luz num vôo d'esplendor...
Voar alto p'ra os céus na vertigem d'altura,
Bater asas, bater, na suprema ventura
De querer atingir espaços cristalinos,
Donde a luz irradia em extasis divinos...
Subir sempre, subir... Chegar alfim ao Sol,
E beber-lhe a alma eterna em beijos d'arrebol;
Julgar chegado emfim o momento bemdito,
Vendo a Terra a meus pés e por cima o Infinito!...
Por um momento, então, sôbre as nuvens pairar,
E avistar muito além, qual lago azul — o mar!
Sentir passar por baixo o sopro das procelas
E por cima, na luz, o beijo das estrêlas!
Julgar-me como um rei, de terras, aos milhões,
Ao vêr por êsse espaço as mil scintilações
Em que vive e palpita a abóbada estrelada!
Ir um pouco mais longe, e na lua gelada
Pousar como uma sombra imaginária e leve;
Caír sôbre êste mundo em mil raios de neve
No silêncio da noite, e ao voltar no arrebol,
Trazer do céu à terra as carícias do sol!
Num raio luminoso abeirar-me das rosas,
Despertar num afago as flores olorosas,
E ao desprender-lhes n'alma o orvalho matutino,
Convertê-lo em diamante, o mais puro e divino
Que em cálice de flôr brilhou de madrugada,
Ou que a noite acendeu na abóbada azulada!...

Correr nessa amplidão, que treme n'ansiedade
Da luz que vai chegar, e ao vêr, na imensidade,
A terra a despertar dum sono virginal,
De mansinho acercar-me e vêr meu Portugal.
Oh! então tomaria a forma a mais divina,
P'ra de mansinho entrar na casa pequenina
Que encerra o meu amor! Na noite silenciosa,
Para visto não ser, no cálix duma rosa
Eu me iria esconder, e aguardaria, oh! Mãe,
Que te visse dormir, para vir do Além,
De longínquas regiões, num raio de luar,
Dar-te um beijo de luz para não te acordar!

Nessa terra tão fria em que meu Pai dormita,
Iria desfolhar, com saudade infinita,
Lágrimas e orações, e ao passar nas janelas
Da virgem que eu amei, em notas bem singelas,
Diria a um rouxinol que cantasse o amor,
Para embalar-lhe o sono em visões d'esplendor!
Como uma sombra, a errar por vales e colinas,
Viveria num sonho essas horas divinas
Que na infância vivi, e ao passar no moinho,
Qual triste trovador errante e pobresinho,
Cantaria a Saudade em minha rude lira,
P'ra que um dia, ao ouvir a água que suspira
Ao animar a mó, julgasse a moleirinha
Ouvir a eterna dôr do trigo e da farinha l...

..... •

Voai, asas, voai, alto, bem alto, aos céus,
Quero deixar o mundo a ver se falo a Deus!
Que vôo d'Ideal pelo espaço celeste!...
Pesam tanto, Senhor, as asas que me deste!...
Eu queria voar, mas não posso sequer,
Qual implume avesinha, estas asas bater,
Porque penas d'amor, penas do coração,
São penas p'ra chorar, não vôam n'amplidão!...



VI

O Canto do Regresso

Cansado da luta, cansado da vida,
Eu volto de novo, minh'alma a sangrar...
Cantando deixei-te, terra estremecida,
Chorando regresso, meu risonho lar.

Na noite gelada, qual ave sem ninho,
Vi-me sem abrigo, sem roupas, sem pão!
Dormi ao relento no pó do caminho,
A frente encostada nas pedras do chão.

Tremia meu corpo de frio transido,
Morria minh'alma de angústia e de dôr;
Sou um velho inútil, um pobre esquecido,
De quem todos fogem com mêdo e horror.

Quantas vezes, quantas, na rua, molhado,
A mão estendia, pedindo, a tremer...
Mas ninguém ouvia ser tão desgraçado,
Que a esmola implorava para não morrer!...

Como um corço altivo, correndo sem tino,
De perto seguido por lobo esfaimado,
Vaguei pelo mundo, fugindo ao destino,
E alfim fui ferido dum dardo acerado.

.....

Cansado da luta, cansado da vida,
Eu volto de novo, minh'alma a sangrar...
Cantando deixei-te, terra estremecida,
Chorando regresso, meu saudoso lar!

.....

Tenho os pés doridos das pedras da estrada;
Meu manto rasgou-se nos duros espinhos...
Só trago em minh'alma saudade maguada,
E na face esquelada o pó dos caminhos!...

Nas plagas longínquas de terras distantes,
Deixei uma a uma minhas ilusões.
Só me resta agora dos dias triunfantes
A ilusão amarga das recordações!

Minh'alma de moço, num corpo já gasto,
Tinha a nostalgia do pátrio horizonte ;
Nem ao menos tive, como Cristo exausto,
Uma pedra fria p'ra pousar a fronte!...

Vencido da vida, na fome e na dôr
Passei longos anos sem ter um amigo.
Invoquei a morte... Negaste, Senhor!
E o triste exilado tornou-se um mendigo!...

Vivi na miséria, chorei na vergonha,
Ao pedir esmolas recebendo insultos ;
Tinha o luto n'alma mas cara risonha,
P'ra agradecer aos homens abjectos e stultos.

.....

Cansado da luta, cansado da vida,
De novo regresso, minh'alma a sangrar...
Oh! lar, abre as portas à ovelha perdida,
Que partiu cantando, regressa a chorar!

.....

Perdoa os meus choros, perdoa o meu pranto ;
São frutos que a Vida gerou na desdita.
Se saber pudesses... Sofro tanto, tanto,
Que o meu peito sangra de mágua infinita!

Profunda saudade sinto, que me oprime,
Por isso regresso tão triste e sòsinho!
O berço da infância pode ser de vime
Ou d'oiro massiço, mas é sempre um ninho!

Pela vida fora, guardamos na mente
A doce lembrança da Terra natal,
E, pensar-se nela, quando sofre a gente,
É vêr-se na treva fulgir o ideal.

Fitando os poentes de malva e anil,
Sentia ânsia estranha que nunca senti,
De viver depressa, num dia, febril,
P'ra poder mais cêdo voltar junto a ti!

Os bens dêste mundo só têm valor
Depois de perdidos. A triste avesinha,
Só chora o seu ninho de cálido amor
Quando jaz sangrenta, na estrada, sòsinha!...

Por isso, cansado, saudoso, ferido,
Eu volto de novo, minh'alma a sangrar...
Cantando deixei-te, meu berço querido,
Chorando regresso, meu risonho lar!

.....

Veste-te de galas, cobre-te de flores,
De rosas e mirtos que Flora te deu,
Que ao teu seio volta procurando amores,
Quem na terra ingrata só penas colheu !...

Como em tempos idos, nos dias festivos,
Touca os teus cabelos de luz e de sol,
A vêr se em minh'alma, nuns clarões mui vivos,
Rasgando esta treva nasce o arrebol.

Põe na farta mesa pratos preferidos :
Alvo pão e frutos, generosos vinhos...
Meus lábios ardentes estão ressequidos
Do calor da estrada, do pó dos caminhos !

Prepara p'rá noite lençoes perfumados,
Que cheirem a feno, malvas e alecrim,
A vêr se meus membros, de andar fatigados,
Conseguem descanso num sono sem fim.

Se alta noite ouvires, no choupal visinho,
Um rouxinol terno na sombra a cantar,
Pede-lhe que cante, mas muito baixinho,
As minhas saudades e a luz do luar!

E assim embalado qual frágil criança,
No berço da infância, meu doce dormir,
Será como o sonho duma pomba mansa,
Que em seu ninho pensa nunca mais partir!...

.....

Balada do Amor

Amar, amar loucamente,
Amar sempre sem cessar,
É êsse o sonho fremente
Do sol, da terra e do mar...

Amei... mas não fui amado !
Sofri... sorriu-me a Piedade !
O Amor fez-me desgraçado,
A Dôr tornou-se Saudade...
Abri minh'alma ferida
À brisa que ali passava,
E a brisa compadecida,
Cantando me consolava.

Amei, amei loucamente,
Amei sempre sem cessar,
A virgem d'olhar ardente
E lindas mãos de luar!

Deixei-a... — cruel loucura! —
Por sonhos vãos d'ambição...
Julguei buscar a ventura,
Achei a desilusão!...
Meu Deus, que triste destino!
Que vida! Que amarga dôr!...
Ser pobre, sim, pequenino,
Mas rico d'imenso amor!...

Amei, amei loucamente...
Oh! brisas de asa ideal,
Levai meu sonho fremente
Às virgens de Portugal!...

Apoteose

Cansado de cantar, suspendi minha lira
A um álamo frondoso, onde a brisa suspira
Nas noites estivais. D'horizontes distantes,
Chegava-me o rumor das ondas delirantes,
Cantando eternamente essas baladas cérulas,
Onde há beijos de mar, conchas, corais e pérolas...
Caía a imensa paz da luz crepuscular
Na tarde amarelada, e ao ténue ciciar
Das folhas no arvoredado e das águas no açude,
Juntou-se muito em breve a voz dum alaúde.
Alma da minha lira, és tu que estás cantando
A perdida ilusão de quem vive chorando?
Tu, que juntaste à minha a tua voz dolente,
Quando ambos a sonhar o mesmo sonho ardente
Cantavamos o amor pensando em Portugal...
Tu, que foste no exílio o amigo ideal

Em cujo seio achei amizade e ternura...
Tu, que ao fundo sofrer das horas de amargura,
Sabias misturar os acordes divinos,
Com que outr'ora Jesus falava aos pequeninos
E que acalmam a dôr e o mal o mais profundo...
Tu, que vias o sol despedir-se do mundo
Na luz crepuscular, deixando a imensidade
Duma lágrima roxa, a tingir de saudade
As solidões do espaço... Alma da minha lira,
Repete ao meu País o que o nauta suspira
Entre o grande amargor das horas de ansiedade,
Quando o vento sibila e ruge a tempestade!
Repete, oh! lira minha, a êste País amado,
O que sente, o que pensa, o que sofre o exilado...
Acaso pode haver no mundo maior dôr,
Do que ter pai e mãe, ter irmãos, ter amor,
Ter família, ter lar e contudo, Deus meu,
Sentir a solidão que gela o vasto céu
De mundos constelado? E emquanto o pensamento,
À procura de luz vâa no firmamento,
O corpo que não tem asas de imensidade,
Fica em terra a chorar tôda a sua saudade!...
Exilado! Exilado! Alma ardente e sublime
Onde a Dôr concentrou o amor que não se exprime!
Decerto o Criador, ao fazer-te tão bela,
Tirou p'ra te animar a vida a alguma estrêla!
Teu nostálgico olhar, nas pupilas extranhas,
Reflecte o claro azul dos lagos das montanhas,
E ao som da tua voz, numa canção vibrante,
Em ti sentes cantar o teu país distante!

Que inquebrantável fé! Que mistério divino!
Portugal sonhador, Portugal pequenino,
Feliz, feliz és tu por teres filhos tais,
Almas grandes d'heróis em corpos de mortais.
Vivem da mesma luz, vivem da mesma vida
Que viveram no adeus da hora da partida;
Levam-te a dormir, fundo, nos corações,
Embalando o pezar, no peito, com canções,
E quando longe, enfim, as lágrimas rebentam,
Livres a deslizar dos olhos que adormentam,
Nos lábios as recebe o saudoso exilado,
Na lágrima beijando o seu País amado...
Bem dita sejas tu, Pátria da minha infância!
Bem dita a tua luz, bem dita essa fragrância
Dos teus vergeis em flôr que aromatiza o ar!
Bem dito a tua terra e bem dito o teu mar!
Bem dito o resplendor da tua eterna História,
E bem ditas as naus, que num sulco de glória
Cercaram êsse mar em rotas d'Ideal,
Fazendo dêste mundo um vasto Portugal!...
Bem dito seja o sol, bem dita seja a lua,
Que te nimbam de luz, duma luz que é só tua
E que ninguém mais tem num clarão tão divino!
Portugal sonhador! Portugal pequenino!
Portugal imortal! Portugal infinito!
Meu lindo Portugal, sê mil vezes bem dito!

.....



Epílogo

DUAS PALAVRAS

... temos portanto um novo poeta. Poeta da Saudade. Da mais portuguesa das sensações. Bemvinda seja essa revelação, porque, por numerosas que sejam nunca serão demasiadas.

Ao Senhor Ricardo Cruz seja dado viver a miude no palácio encantado da sua arte, e que a sua produtividade lhe provoque vibrações de prazer e consolação! E a nós, leitores, manjares de alma como o poeta épico chamava as poesias.

O metro favorito do senhor é, como vemos, o Alexandrino, e realmente a monotonia equilibrada dele presta-se ao ritmo em regra melancólico da Saudade. Espero todavia que em criações futuras empregará formas de exteriorização mais modernas!

Das páginas que depois de 1920 foram saindo,

— data da 2.^a edição da minha *Saudade Portuguesa* que o inspirou, das 724 quadras por exemplo que o Snr. Carlos Martins propagou no seu *Cancioneiro da Saudade*, — claro que com arte e engenho se poderiam derivar observações novas.

Mas não quero *dissertar* nesta Cartinha que é só de agradecimentos e felicitações pelo Hino a Portugal que o seu amor pátrio entoou . . .

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS.

ACABADO DE IMPRIMIR
A 12 DE MARÇO DE 1925
NA TIP. BARROS & COSTA



